

Curso propõe “respeito” entre medicina e shamanismo indígena

Da Reportagem Local

O que um pagé do baixo Xingu teria a contribuir para escolados médicos dos melhores centros de São Paulo? Para alguns, nada. Para outros médicos, os índios cooperam no entendimento de que a saúde está diretamente ligada à cultura de cada sociedade. Sob esse prisma, a Escola Paulista de Medicina (EPM), um dos mais importantes centros de referência do país, organizou na última semana um curso sobre antropologia médica.

Trata-se de uma abordagem de concepções históricas, ecológicas e epidemiológicas que procuram

encontrar uma explicação multidisciplinar para os motivos de uma epidemia de malária entre os índios, ou de gripe entre os paulistanos. “O curso propõe uma relação de mútuo respeito entre a medicina tradicional e o shamanismo (curandeirismo) indígena”, diz o médico Douglas Rodrigues, do departamento de medicina preventiva da EPM. Os 30 participantes do evento se aprofundaram na adequação do tratamento tradicional às culturas indígenas.

Essa visão, como o próprio curso, surgiram de um trabalho de atendimento à 17 nações indígenas que a EPM realiza há 25 anos no parque indígena do Xin-

gu (entre os Estados de Mato Grosso e Pará). Segundo Rodrigues, o shamanismo indígena pode ter melhores resultados que a medicina tradicional no campo das doenças psicossomáticas.

Os médicos de São Paulo atuam em convênio com a Fundação Nacional do Índio (Funai) e realizam naquela área serviços de vacinação, atendimento básico de saúde e cadastramento da população, hoje estimada em 3.100 índios. Esse atendimento tem suprido a atuação deficiente da Funai que, desde o governo Figueiredo, não contrata mais funcionários para a saúde, segundo Marcos Guimarães, coordenador médico nacional da fundação.